



## ***(CON) TEXTOS DE FRONTEIRAS***

Pesquisas na raia luso-espanhola e na Tríplice Fronteira (Brasil, Paraguai e Argentina)

*José Lindomar Albuquerque*

*Universidade Federal de São Paulo*

*Jose.lindomar@unifesp.br*

### **Introdução**

Gostaria de refletir sobre as publicações recentes na área de Ciências Sociais sobre trabalhos de campo realizados em dois contextos específicos de fronteiras: a fronteira luso-espanhola e a denominada Tríplice Fronteira (Argentina, Brasil e Paraguai)<sup>1</sup>.

O olhar específico sobre essa produção recente visa refletir acerca das mudanças que os autores estão percebendo nas identidades nacionais, circuitos comerciais, movimentos migratórios e alterações dos controles fronteiriços entre nações no contexto da União Européia e do Mercosul. Claro que o recorte de análise não dá para ser generalizado para as diversidades de situações estudadas entre os vários países europeus ou para as diferentes fronteiras singulares entre os países do Mercosul. O que proponho é uma breve reflexão sobre o estado da arte das investigações no cenário das relações entre os dois países da Península Ibérica e entre o Brasil e os países vizinhos, especialmente a partir da produção de dois grupos de investigação com pesquisadores de diferentes áreas das Ciências Sociais e de distintos países: O projeto de investigação coletiva *El discurso geopolítico de las fronteras* e a produção dos membros do *Observatório da Tríplice Fronteira entre o Brasil, Argentina e Paraguai*.

---

<sup>1</sup> Os trabalhos selecionados priorizam a fronteira entre o Brasil e o Paraguai. Existem poucas investigações sobre a fronteira entre Brasil e Argentina na região da Tríplice Fronteira.



Nossa reflexão tem como ponto de partida as coletâneas produzidas recentemente por membros dos dois grupos de investigação- *O contrabando da fronteira luso-espanhola*: práticas, memórias e patrimônios e *Portugal e Espanha*: discurso de centro e práticas de fronteiras sobre a fronteira entre Portugal e Espanha e a coletânea *La Triple Frontera*: dinámicas culturales y procesos transnacionales. Além dos capítulos publicados nessas coletâneas, darei uma atenção especial a alguns artigos desses e de outros investigadores, publicados em periódicos acadêmicos, e que trabalhem diretamente com os temas específicos que serão enfatizados nessa abordagem. Os artigos sinalizam para uma pluralidade de temas contemporâneos e históricos das zonas de fronteiras e também indicam referências importantes de trabalhos de campo mais prolongados, geralmente teses de doutorado, desses pesquisadores que fazem parte das redes de pesquisa e de outros autores que passam a ser constantemente citados nos artigos.

Tanto a seleção e reflexão dos artigos, como dos livros publicados nas duas últimas décadas por esses e outros autores, foram feitas tendo em mente a importância da comparação sobre temas e inquietações de pesquisas na fronteira luso-espanhola e na Tríplice Fronteira. Abordaremos os diferentes textos a partir das seguintes temáticas comparativas: 1) as abordagens dos fluxos de mercadorias e pessoas nessas áreas de limites internacionais; 2) a reflexão sobre as identidades nacionais, locais, supranacionais e percepções dos “outros” nestes cenários de fronteiras; 3) a reflexão entre os sentidos de fronteiras construídos pelos pesquisadores em diálogo com outros autores e com os dados de suas pesquisas de campo.

## **1. Fronteiras e fluxos: o circuito das mercadorias e das pessoas**

As fronteiras nacionais, em seus mais diferentes contextos geográficos e históricos, apresentam geralmente uma ambivalência que pode ser traduzida por meio da dupla face de *Jano*: um deus dos começos, das transições e das travessias, das portas que abrem e que fecham. Desse modo, a metáfora do deus *Jano* nos conduz diretamente a



pensar as fronteiras políticas e culturais tanto como fluxos, circulação de pessoas, mercadorias, ideologias e imagens como também como barreiras, controles, vigilâncias, separações e descontinuidades jurídicas, políticas e culturais. As fronteiras podem ser vistas como movimento e como diferença ou como movimento que diferencia no espaço e no tempo. Nesse processo de diferenciação, as circulações e os controles de mercadorias e de pessoas se alteram e as identidades contrastivas adquirem novos significados na permanente dinâmica das fronteiras. Nesse sentido, nosso objetivo é analisar como os pesquisadores da fronteira luso-espanhola e da Tríplice Fronteira analisaram os fluxos, controles e as identidades fronteiriças nos vários contextos estudados.

As principais experiências de fluxos analisados nos diversos trabalhos feitos na fronteira luso-espanhola são fundamentalmente relacionados ao contrabando em vários contextos históricos e suas permanentes ressignificações. O tema do contrabando é um fio condutor para pensar a própria fronteira luso-espanhola, principalmente devido à força que adquire esse tema nas narrativas das populações locais, nas memórias cotidianas e nos atuais processos de patrimonialização das “rotas do contrabando”.

A própria palavra contrabando, bastante naturalizada e auto-evidente nos locais de pesquisa, passa a ser problematizada e definida por diferentes pesquisadores que abordaram o fenômeno fronteiriço. O contrabando pode ser entendido como “crime contra o Estado e não contra a propriedade dos indivíduos” (GODINHO, 2009, p.32), como atividades ilegais desde o ponto de vista do Estado e geralmente legítima a partir das populações pobres que o praticam como estratégia de sobrevivência e como produtor de relações sociais de confiança e cumplicidades. O contrabando pode ser ainda compreendido como um trabalho a mais para aqueles que se “especializam em este tipo de comercio” visto pelo Estado como ilegal (VALCUENDE; FERIA, 2009, p. 198). O contrabando é, portanto, um fenômeno heterogêneo que guarda suas especificidades geográficas ao longo da raia e tem suas diferenças econômicas e morais se exercido por diferentes classes sociais, gêneros e nacionalidades.

Apesar de todas as diferenciações do fenômeno do contrabando aqui explicitadas, as narrativas contemporâneas dos atores sociais e a ampla maioria dos textos da coletânea *O Contrabando na fronteira luso-espanhola* se referem especialmente ao contrabando



realizado pelos setores pobres e visto de maneira legítima pelas populações locais. O contrabando de sobrevivência econômica é, algumas vezes, interpretado como uma prática de resistência das populações camponesas raianas (GODINHO, 2009).

Acredito que outros tipos de contrabando realizados na fronteira, bem com a aproximação entre contrabando e outras teorias de fronteira podem ser mais bem estudados e problematizados por meio de novas pesquisas dos cientistas sociais. Talvez a própria relação entre contrabando e mentalidade capitalista possa ser um campo importante de exploração de novas pesquisas. Não que o contrabando possa aqui ser visto como um motor material de produção de mentalidade capitalista, mas de pensar esta fronteira do contrabando como um lugar onde se produz, nos camponeses que o praticam, novos valores que podem modificar a tradição da sobrevivência e alimentar práticas e valores capitalistas, capaz de promover acúmulo de riquezas e de monetarização de alguns dos camponeses contrabandistas e outros atravessadores dos negócios “ilegais”. Dessa maneira, algumas formas de contrabando funcionariam tanto como estratégias familiares e individuais de ascensão social, como também como válvulas de escape que evitaria a explosão de novos conflitos sociais no campo nas regiões de profundas desigualdades sociais e de uma ampla população de jornaleiros.

Mas os estudos realizados nessa fronteira não se resumem a história e memória das práticas de contrabando em contextos históricos e geográficos específicos, há também as novas pesquisas que discutem os processos atuais de visibilidade e patrimonialização do contrabando. Os novos estudos abrem uma perspectiva bastante promissora para entender os atuais processos de integração e as novas estratégias do ecoturismo no campo, especialmente nas regiões de baixo desenvolvimento econômico e de poucos atrativos históricos e naturais. Dessa forma, como analisa Silva (2009), começa a ser gestado um conjunto de estratégias em que o contrabando, de atividade ilegal e oculta no passado, transforma-se em um patrimônio visível e divulgado pelo próprio poder público nesses lugares. Assim passam a ser construídos museus do contrabando com reconstruções de rotas do contrabando e com gravações de como seria uma travessia clandestina pelas fronteiras do tempo passado.

Considero significativo toda esta coletânea de estudos recentes sobre o contrabando do passado em uma fronteira em que a prática não faz mais sentido e que



seus antigos praticantes ou migraram ou desenvolvem outras atividades nesse contexto de integração e de projetos institucionais de cooperação supranacional. Tanto os atores sociais, com os seus desejos atuais de narrar um passado perdido e filtrado nas cores da aventura e heroísmo das travessias arriscadas (CUNHA, 2009), como alguns dos próprios pesquisadores que investigam as várias facetas desta realidade histórica do contrabando, pensam esta fronteira especialmente a partir desta estreita ligação entre raia e contrabando. Por outro lado, os trabalhos de pesquisa de campo estão sendo escritos em um tempo presente em que o contrabando e a fronteira adquiriram outros contornos no contexto da União Europeia e do fim dos controles fronteiriços. O contrabando, como uma profunda travessia de pessoas e mercadorias, só faz sentido se a fronteira for também o lugar do controle e da fiscalização.

A palavra “contrabando” na região da Tríplice Fronteira não adquire o sentido genérico que tem para as populações e pesquisadores da raia luso-espanhola. Quando os meios de comunicação ou os habitantes locais da fronteira entre o Brasil e o Paraguai usam essa expressão é geralmente para se referir ao tráfico de mercadorias ilegais e ilícitas, principalmente cigarros sem notas, armas e drogas. As mercadorias “contrabandeadas” são geralmente nomeadas de “muambas” ou “Made in Paraguay”. Claro que na fronteira luso-espanhola nem sempre a palavra contrabando foi tão revelada, outros termos locais eram utilizados para se referir à prática do “contrabando”, evitando a conotação negativa do termo, tais como “ganarse unas perrillas” ou “hacer los portes”. (VALCUENDE, FERIA, 2009, p. 207).

Nessa reflexão comparativa, gostaria de destacar alguns textos etnográficos realizados nessa fronteira que visa compreender o fenômeno do comércio entre o Paraguai e o Brasil, em particular as pesquisas recentes de Rabossi (2004), Rosana Pinheiro (2008), Cardin (2011). Fernando Rabossi estudou o fenômeno dos *mesiteros* (os vendedores ambulantes nas ruas de Cidade do Leste) como um ponto de partida para compreender a complexa realidade do circuito das mercadorias entre o Paraguai e o Brasil. A partir desse lugar de observação, conseguiu mapear as relações entre paraguaios e comerciantes sírio-libaneses, as migrações internas de paraguaios do campo para a cidade, a expressiva imigração de argentinos ou de paraguaios que



viveram um tempo na Argentina e que atualmente vivem do comércio de Cidade do Leste.

Também, por meio dessa etnografia, percebeu que o circuito das mercadorias não era somente do Paraguai para o Brasil, mas também do Brasil para o Paraguai, especialmente confecções. Ao perceber as roupas vendidas nas ruas de Cidade do Leste vinham do Brasil, posteriormente desenvolveu um trabalho de campo tentando compreender a rota das confecções desde a feira da “Sulanca” no sertão de Pernambuco, Caruaru, até as bancas de Cidade do Leste (RABOSSI, 2009). Os ônibus dos “sacoleiros” vêm geralmente cheio de confecções até a fronteira e voltam lotados de produtos eletrônicos.

Já o trabalho de Pinheiro-Machado (2008), *Rotas China-Paraguay-Brasil*, busca justamente compreender o grande circuito de produção, circulação e consumo das mercadorias entre a China, o Paraguai e as feiras populares no Brasil. Inspirada na antropologia transnacional de Appadurai, tenta produzir uma “biografia” dessas mercadorias e perceber as fortes conexões entre o legal e o ilegal, o lícito e o ilícito, o mercado formal e o informal no longo percurso das mercadorias.

A passagem de mercadorias, para além da quantidade de turista, era geralmente facilitada pela Ponte da Amizade até 2006, antes da construção da nova alfândega do lado brasileiro e do aumento da fiscalização. Com o aumento do controle, as travessias ficaram mais difíceis pela ponte e, desta forma, ampliaram as travessias de barcos em vários pontos afastados do rio Paraná. As passagens arriscadas nos barcos e a profissão de barqueiro é justamente o tema de tese de Eric Cardin (2011), que analisa o fenômeno a partir de uma sociologia do trabalho, refletindo sobre as péssimas condições de trabalho desses novos trabalhadores fronteiriços.

Os fluxos de mercadorias e de sacoleiros na Tríplice Fronteira vêm acompanhados de vários fenômenos migratórios que se intensificam na região nas últimas décadas, sendo o caso dos sírio-libaneses, dos chineses e dos “brasiguaios” alguns dos mais expressivos neste contexto de redefinições e criações de outras tantas fronteiras culturais e simbólicas. Os sírio-libaneses, localmente conhecidos como “árabes” ou “turcos” formam uma ampla “comunidade” na região e estão presentes tanto em Foz do Iguaçu, como em Cidade do Leste. Eles vivem principalmente desses múltiplos



comércios fronteiriços. Os trabalhos de Montenegro (2010) e Karam (2010) buscam entender novos cenários dessa ampla migração. Montenegro (2010) analisa especialmente o caso dos grupos evangélicos transculturais que visam converter os árabes às igrejas evangélicas e as diversas estratégias desenvolvidas para a conversão religiosa em Foz do Iguaçu e Cidade do Leste. Já Karam (2010) investiga as representações e as campanhas da comunidade árabe contra as imagens construídas no contexto da “guerra contra o terror” dos Estados Unidos e das suspeitas de existência de grupos terroristas na região, suspeitas iniciadas ainda no início da década de 1990, quando do ataque a embaixada de Israel em Buenos Aires em 1994.

A migração chinesa também se amplia bastante na região. Essa imigração foi trabalhada por Pinheiro-Machado (2009). A autora investiga a ética do trabalho desses imigrantes e procura ver as diferenças entre os novos padrões de consumo existente na China atual e os valores tradicionais desses imigrantes que vivem em outro contexto nacional.

As migrações internacionais de longa distância estão mudando radicalmente o cenário da fronteira e promovendo a síntese de múltiplas fronteiras contemporâneas em um território específico. Entretanto, existem também as migrações fronteiriças entre estes três países em confluência: argentinos e paraguaios no Brasil, brasileiros e paraguaios na Argentina e argentinos e brasileiros no Paraguai. Nesse universo dos trânsitos migratórios de curta distância, vale destaque a ampla quantidade de brasileiros no Paraguai, geralmente denominados de brasiguaios. Essa migração foi objeto de minha tese (ALBUQUERQUE, 2010), no qual analisei as conexões entre as migrações internas e as migrações para o Paraguai e os múltiplos deslocamentos que acontecem atualmente dos “brasiguaios” na região de Tríplice Fronteira.

Embora o contrabando e as migrações sejam temas nesses dois contextos de fronteiras, visualizamos a ênfase dos trabalhos sobre contrabando na raia luso-espanhola e das migrações no cenário da Tríplice Fronteira. Essas ênfases não abrangem o universo das pesquisas de campo nas duas zonas de fronteiras, mas somente daqueles autores que participam diretamente do projeto coletivo *El discurso geopolítica de las fronteras* e o *Observatório da Tríplice Fronteira*.



## 2. Fronteiras e identidades

As imaginações nacionais demarcam múltiplas fronteiras e se tornam um tema relevante para pensar as zonas fronteiriças. Há uma relação muito estreita entre nacionalismo e fronteira, visto que os nacionalismos só existem a partir de reivindicações e demarcações de territórios e as próprias fronteiras indicam os limites entre as ideologias, os sentimentos nacionalistas e o contraste com outros nacionalismos (DONNAN & WILSON, 1999).

Os teóricos da nação e do nacionalismo costumam pensar os Estados nacionais a partir de seus centros de propagação de direitos, da imprensa, escola, forças armadas, burocracia, tratados etc. Os estudos tendem a definir os conceitos de nação, nacionalismo e identidade nacional a partir de determinadas características políticas, culturais e simbólicas compartilhadas por uma determinada população. O olhar para o semelhante e para a identidade nacional muitas vezes obscurece os processos de diferenciação e a dinâmica frente ao “outro”. A preocupação dos estudiosos das zonas de fronteiras aqui analisadas, seguindo os trabalhos de Frederick Barth (1969) e Peter Sahlins (1989), é justamente pensar os conceitos como produto de experiências sociais relacionais que somente podem ser referendados em situações de contrastes com outras nações e outros nacionalismos. Em um âmbito mais abrangente e centrados nas narrativas nacionais, os estudiosos do projeto *El discurso geopolítico de las fronteras* tendem a problematizar as tensões entre as narrativas ibéricas e nacionalistas construídas historicamente e os discursos geopolíticos sobre essas fronteiras nos séculos XIX e XX.

Um dos temas enunciados pelos investigadores do projeto *El discurso geopolítico* é justamente a perspectiva histórica das tensões entre iberismo e nacionalismo na fronteira entre Portugal e Espanha. Tanto no próprio projeto como na introdução a coletânea *Portugal e Espanha: discursos de centro e práticas de fronteiras*, os autores enfatizam os momentos históricos em que o iberismo, ou seja, a defesa de uma unidade cultural e política entre Espanha e Portugal, e o nacionalismo demarcador de diferenças



radicais entre as duas nações ibéricas, tendem a delimitar os sentidos da fronteira entre os dois países. O nacionalismo português é geralmente firmado a partir do anti-espanholismo. “A função da fronteira como elemento simbólico serviu para moldar um nacionalismo identitário que, no caso português, foi impregnado por uma radical significação anti-espanhola, em que a linha de partição imaginária se transformou em separação real” (CAROU ET AL, 2009, p.15).

Na coletânea sobre o contrabando na fronteira, o artigo de Valcuende e Feria (2009) sinaliza para o campo específico das representações que os espanhóis fazem dos portugueses nos cenários das fronteiras do contrabando: “El estereótipo del ‘português’ como pobre y dispuesto a realizar las labores más míseras e ingratas para sobrevivir se corresponde con la imagen de este tipo de contrabandista. En la frontera ‘ser del campo’, vivir aislado a las afueras de los núcleos urbanos, há sido sinónimo de ‘ser português’ y esto se ha asociado a ‘ser contrabandista’” (VALCUENDE; FERIA, 2009, p. 213).

Se, por um lado, essa reflexão é feita especialmente a partir de um contexto específico de fronteira do lado espanhol (povoações da Província de Huelva), por outro lado, falta a percepção das imagens/estereótipos que os portugueses têm dos espanhóis em pesquisas de campo nas cidades fronteiriças de Portugal com a Espanha ou por aqueles portugueses migrantes que vivem em contatos diretos com espanhóis do lado da fronteira (SILVA, 1999).

As múltiplas formas de identificação coletiva em uma cidade fronteiriça do lado espanhol – Ayamonte- já tinham sido trabalhadas na tese de doutoramento de Valcuende (1998). Nesse trabalho, o autor diferencia os conceitos de identidade e identificação, adotando uma leitura dinâmica das identificações coletivas. O conceito de identidade se tornou extremamente utilizado no contexto da “onda das identidades” nacionais e étnicas, mas ao mesmo tempo pouco operativo em termos teóricos e metodológicos para compreensão das realidades socioculturais do mundo contemporâneo. O conceito está marcado por vertentes essencialista, psicologizante ou totalizante e homogeneizadora quando pensado como identidade social e coletiva. Nesse sentido, Valcuende recorre ao conceito de identificação coletiva, vista como “procesos a partir de los cuales los individuos asumen y aceptan determinados papeles sociales”. O conceito também



permite perceber a dinâmica da unidade e da diferença na maneira “como los distintos integrantes de un colectivo, en función de determinada realidade sociocultural en la que hayan insertos simbolicamente, reafirman su carácter unitário por encima de las diferencias” (VALCUENDE, 1998, p. 63). A partir desta concepção dinâmica que tenta aprender a relação entre individual e social, unidade e diferença dos coletivos em contextos situacionais, o autor interpreta as várias dinâmicas de identificações coletivas em Ayamonte, afastando-se de uma postura teórica e metodológica centrada na reificada fronteira e identidade nacional entre portugueses e espanhóis.

Outros pesquisadores, por sua vez, preferem utilizar o conceito de identidade nacional na fronteira luso-espanhola, dando-o um carácter dinâmico, situacional e pensado a partir da diferença fronteiriça com o “outro”. Nesse sentido, o trabalho de Amante (2007) visa justamente problematizar a relação entre cultura de fronteira, identidade local e nacional na fronteira luso-espanhola, particularmente no setor da raia entre a Beira Interior (Portugal) e a Comunidade Autónoma de Castilla y León (Espanha). A tese fundamental da autora é que, apesar das misturas culturais e das especificidades locais, a região de fronteira é um lugar de formação de identidades nacionais contrastivas. A existência de uma cultura de fronteiras não significa que há uma identidade local única na raia e nem que a identidade local seja mais forte e expressiva que a identidade nacional.

As imagens negativas e positivas no espelho do outro alicerçam várias polaridades adjetivadas – pessimistas e alegres, mais trabalhadores e menos trabalhadores, organizados e desorganizados, vivem em casa e vivem nas ruas etc – que marcam diferenças simbólicas importantes entre portugueses e espanhóis nas localidades fronteiriças. Desse modo, o que existe é uma identidade raiana portuguesa e uma identidade raiana espanhola, ou seja, há uma identidade local raiana comum atravessada pelas diferenças nacionais criadas e reproduzidas na vida cotidiana (AMANTE, 2007).

No contexto da Tríplice Fronteira, por sua vez, as reflexões sobre identidades e representações sobre o “outro” acompanham também a análise de vários trabalhos. Os textos que analisam fluxos de pessoas e de mercadorias, já comentados, também interrogam sobre as relações de identidades e alteridades nesta região de tantas fronteiras. Assim os trabalhos de Rabossi (2004), Giménez (2010) e Albuquerque



(2010) têm situado o contexto geopolítico entre os três países, as assimetrias de poder local, regional e nacional, as formas de narrativas nacionais feitas por diferentes atores sociais.

Os discursos nacionalistas e as diferenças assimétricas de poder entre os Estados nacionais que fazem fronteira (Brasil, Argentina e Paraguai) adquirem vários contornos neste cenário fronteiriço (GIMÉNEZ, 2010). O Brasil é visto na atualidade como principal potência econômica regional, com um território e uma população extremamente mais ampla que o Paraguai e ainda bastante superior ao caso argentino. No jogo de poder fronteiriço entre os países, a própria língua portuguesa e moeda brasileira (real) adquirem prestígio e produzem hierarquias nacionais. Percebem-se paraguaios admirando e aprendendo o português e os argentinos e paraguaios recebendo reais em seus estabelecimentos fronteiriços (ALBUQUERQUE, 2010).

Neste contexto, as representações sobre o “outro” são especialmente significativas, os brasileiros que vivem no Paraguai são geralmente vistos como “invasores”, “bandeirantes” e o Brasil como “país imperialista”. Por sua vez, tanto no contexto migratório de brasileiros para o Paraguai, como na circulação de produtos e imagens vindos do Paraguai, a representação mais generalizada sobre o Paraguai é do “País da falsificação”, os produtos sem qualidade nomeados com a expressão “Made in Paraguay” e os paraguaios vistos como “atrasados”, “corruptos” e “sujos”, “índios”. (ALBUQUERQUE, 2010, RABOSI, 2010).

Na fronteira entre o Paraguai e o Brasil, os denominados “brasiguaios” constituem um complexo fenômeno fronteiriço a ser interpretado a partir das teorizações de identidades nacionais e híbridas. Em minha tese de doutorado (ALBUQUERQUE, 2010) investigo justamente as diferentes identidades situacionais e relacionais assumidas por esses imigrantes brasileiros que vivem no Paraguai e como são classificados pelos “outros”. Desta forma, os “brasiguaios” assumem a identidade de brasileiros, paraguaios, brasiguaios, gaúchos, paranaenses, sulistas, conforme o interlocutor e os interesses em jogo de um lado e outro das fronteiras. Quando se auto-identificam e são classificados como brasiguaios, este termo pode significar: 1) todos os imigrantes brasileiros que vivem no Paraguai; 2) aqueles que são filhos de brasileiros e têm a dupla nacionalidade; 3) os que dominam os idiomas português, espanhol e



guarani; 4) somente os brasileiros pobres que vivem no Paraguai e também aqueles que já voltaram; 5) os imigrantes que vivem do plantio de soja, na representação de muitos camponeses paraguaios.

As pesquisas empíricas e as discussões teóricas em torno das identidades nacionais e as formas contemporâneas de manifestações nacionalistas podem ser compreendidas no contexto dos discursos normativos sobre a cooperação e integração nas zonas de fronteiras. Identidade e integração, nacionalismo e globalização, nacionalismo e iberismo e discurso nacional e latino-americano representam vários pólos de uma tensão estruturante nas reflexões sobre as fronteiras ibéricas e latino-americanas. As fronteiras territoriais e simbólicas são realidades contraditórias e ambivalentes atravessadas de desejos políticos e discursos diversos e normativos de integração e também de memórias e práticas locais assimétricas que exacerbam as diferenças e os sentimentos nacionalistas. Os investigadores dessas fronteiras, a partir de suas distintas matrizes disciplinares e experiências políticas e ideológicas, talvez precisem tomar um cuidado metodológico para, por um lado, não reproduzirem os discursos e práticas da integração, deixando de verem as singularidades nacionais, nem visualizarem somente um discurso geopolítico e nacionalista, sendo incapazes de perceber a construção de outras identidades fronteiriças e transnacionais que atravessam as experiências sociais e políticas nas zonas de fronteiras.

### **Considerações finais**

A comparação dos trabalhos feitos nessas duas zonas de fronteiras apresenta proximidades culturais, mas também distâncias geográficas, políticas e econômicas relevantes. As distâncias que gostaria enfatizar são as diferenças continentais e as especificidades históricas e nacionais entre essas duas regiões fronteiriças. As proximidades culturais e sociopolíticas se referem a zonas de contatos entre as línguas espanhola e portuguesa e aos contextos contemporâneos de políticas de integração supranacionais (União Européia e Mercosul).



Os trabalhos selecionados apresentam os paradoxos das fronteiras, como lugares de trânsitos e controles, travessias visíveis e invisíveis em contextos passados e presentes. Existem algumas diferenças entre os trabalhos empíricos desenvolvidos na fronteira luso-espanhola e na Tríplice Fronteira: 1) a perspectiva marcadamente histórica das reflexões na raia luso-espanhola e a análise situada no contexto atual na fronteira Brasil-Paraguai-Argentina; 2) Os principais fluxos analisados na raia estão relacionados com o contrabando, enquanto na Tríplice Fronteira predominam os trabalhos sobre fluxos migratórios; 3) pelas próprias especificidades dessas fronteiras, os trabalhos na raia se situam em pequenas cidades ou zonas rurais e, às vezes, em municípios que nas últimas décadas diminuíram sua população, enquanto na Tríplice Fronteira acentuam os estudos urbanos nas cidades que aumentaram bastante suas populações, especialmente Cidade do Leste e Foz de Iguaçu são hoje as maiores cidades da fronteira entre o Brasil e os países vizinhos; 4) os fluxos de contrabando, migrações e refugiados na raia são observados mais diretamente a partir das memórias das populações de determinados lugares específicos, particularmente dessas pequenas cidades e localidades. Já na Tríplice Fronteira, embora existam também esses trabalhos bem situados geograficamente, destacam-se os trabalhos que buscam compreender os movimentos dos mercados informais e das migrações, de tal forma que os investigadores seguem algumas rotas e desembarcam em outros territórios em trânsito.

A pesar dessas diferenças situacionais e metodológicas entre os objetos de estudo e as perspectivas dos sujeitos que investigam essas fronteiras, há semelhanças importantes na maneira como estudam hoje os fluxos e lugares de fronteiras. Tanto entre os investigadores da raia luso-espanhola, como aqueles que investigam a Tríplice Fronteira, existem cruzamentos de conceitos e de métodos das distintas ciências sociais e o reconhecimento dos olhares parciais de cada ciência específica, ou seja, que a complexidade das zonas de fronteiras só será mais bem compreendida por meio de novos trabalhos interdisciplinares ou transdisciplinares. Ademais, todos esses investigadores compartilham o pressuposto da importância do trabalho empírico para a compreensão dessas zonas fronteiriças. A maioria dos investigadores compartilha ainda a idéia de um duplo olhar (micro e macro, local e global, margem e centro), inclusive quando selecionam um objeto de estudo bastante circunscrito.



## BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE, José Lindomar. A dinâmica das fronteiras: os brasiguaios na fronteira entre o Brasil e o Paraguai. São Paulo: Annablume, 2010.

AMANTE, Maria de Fátima. *Fronteira e identidade: construção e representação identitárias na raia luso-espanhola*. Lisboa: ISCSP, 2007.

BARTH, Frederick. Os grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: UNESP, 1998 [1969].

CARDIN, Eric G. Sacoleiros e laranjas na Tríplice Fronteira: uma análise da precarização do trabalho no capitalismo contemporâneo. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, 2006.

\_\_\_\_\_. A expansão do capital e as dinâmicas da fronteira. Doutorado em Sociologia, Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, 2011.

CAROU, Heriberto Cairo et al. (Coord.). *Portugal e Espanha: entre discursos de centro e práticas de fronteiras*. Lisboa: Edições Colibri, 2009.

CAROU, Heriberto Cairo et al. El discurso geopolítico de las fronteras en la construcción socio-política de las identidades nacionales: el caso de la frontera luso-española en los siglos XIX y XX.(2008-2011). Disponible en: [HTTP://www3.unileon.es/proyectos/wwwulefhp/index.htm](http://www3.unileon.es/proyectos/wwwulefhp/index.htm), aceso en: 11/02/2011.

CUNHA, Luis. Memórias de fronteira: o contrabando como explicação do mundo. In: FREIRE, Dulce; ROVISCO, Eduarda; FONSECA, Inês (coord.). *Contrabando na fronteira luso-espanhola: práticas, memórias e patrimônios*. Lisboa: Nelson de Matos, 2009.

\_\_\_\_\_. Dinâmicas e processos de transformação econômica: do contrabando à indústria de torrefacção de café em Campo Maior. *Etnográfica*, vol. X (2), 2006, p. 251-262.



DONNAN, Hastings; WILSON, Thomas. *Borders: frontiers of identity, Nation and State*. United Kingdom: Oxford, 1999.

FOUCHER, Michel. *Obsessão por fronteiras*. Radical Livros, 2009.

FREIRE, Dulce; ROVISCO, Eduarda; FONSECA, Inês (coord.). *Contrabando na fronteira luso-espanhola: práticas, memórias e patrimônios*. Lisboa: Nelson de Matos, 2009.

GIMÉNEZ, Verónica, MONTENEGRO, Silvia (comp. ). *La Triple Frontera: dinámicas culturales y procesos transnacionales*. Buenos Aires: Espacio Editorial, 2010.

GODINHO, Paula. “Desde a idade de seis anos, fui muito contrabandista”. O concelho de Chaves e a comarca de Verín, entre velhos cotidianos e novas modalidades emblemáticas. In: FREIRE, Dulce; ROVISCO, Eduarda; FONSECA, Inês (coord.). *Contrabando na fronteira luso-espanhola: práticas, memórias e patrimônios*. Lisboa: Nelson de Matos, 2009.

KARAM, Jonh. *Atravesando las Américas: la “guerra contra el terror”, los árabes y las movilizaciones transfronteirizas en Foz do Iguazu y Ciudad del Este*. In: GIMENEZ, Verónica; MONTENEGRO, Silvia (Comp.). *La Triple Frontera: dinâmicas culturales y procesos transnacionales*. Buenos Aires: Espacio Editorial, 2010.

MONTENEGRO, Silvia. *Proyectos misionales y representaciones sobre la diversidad cultural: el evangelio transcultural para árabes em la Triple Frontera*. In: GIMENEZ, Verónica; MONTENEGRO, Silvia (Comp.). *La Triple Frontera: dinâmicas culturales y procesos transnacionales*. Buenos Aires: Espacio Editorial, 2010, PP. 153-189.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. *Caminos del contrabando. La fiscalización en el Puente de la Amistad y sus efectos en la cotidianidad de la Triple Frontera*. In: GIMENEZ, Verónica ; MONTENEGRO, Silvia (Comp.). *La Triple Frontera: dinâmicas culturales y procesos transnacionales*. Buenos Aires: Espacio Editorial, 2010, PP. 99-117.



\_\_\_\_\_ A ética confucionista e o espírito do capitalismo: Narrativas sobre moral, harmonia e poupança na condenação do consumo conspícuo entre chineses ultramar. *Horizontes Antropológicos* (UFRGS. Impresso) **JCR**, v. 28, p. 145-174, 2007.

\_\_\_\_\_. China-Paraguay-Brasil: uma rota para pensar a economia informal. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 23, n. 67, São Paulo, junho de 2008, PP. 117-133.

RABOSSI, Fernando. En las calles de ciudad del Este. Tesis de doctorado, Museu Nacional, Doctorado em Antropologia Social, 2004.

\_\_\_\_\_. En la ruta de las confecciones. *Revista Crítica en desarrollo*, n. 02, segundo semestre de 2008, PP. 151-171.

\_\_\_\_\_. Made in Paraguay: notas sobre a producción de Ciudad Del Este., 2010

SAHLINS, Peter. Boundaries: The making of France and Spain in the Pyrenees. United States: University of California Press, 1989.

SILVA, Luis. A patrimonialização e a turistificação do contrabando. In: FREIRE, Dulce; ROVISCO, Eduarda; FONSECA, Inês (coord.). *Contrabando na fronteira luso-espanhola: práticas, memórias e patrimônios*. Lisboa: Nelson de Matos, 2009.

\_\_\_\_\_. Identidade nacional: práticas e representações num contexto de fronteira. Dissertação de mestrado em Antropologia: Patrimônios e Identidades. Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Departamento de Antropologia, Universidade de Lisboa, 1999.

VALCUENDE, José M. Fronteras, territorios e identificaciones colectivas. Sevilla: Fundación Blas Infante, 1998.

\_\_\_\_\_: FERIA, Rafael Cáceres. Viviendo de la frontera: redes sociales y significación simbólica del contrabando. In: FREIRE, Dulce; ROVISCO, Eduarda; FONSECA, Inês (coord.). *Contrabando na fronteira luso-espanhola: práticas, memórias e patrimônios*. Lisboa: Nelson de Matos, 2009.